

CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS. ELEMENTOS PARA SUA HISTÓRIA.

Consuelo Pondé de Sena

RESUMO

O discurso tem por objetivo sublinhar momentos da trajetória histórica do antigo e de novo Centro de Estudos Baianos, tendo a sua autora assinalado que duas Instituições baianas, a saber a fundada em 31 de julho de 1941 e a instituída em 1974, no Reitorado Lafayette Pondé, foram assim denominadas.

Quanto à primeira, informa que vinte e oito personalidades do meio cultural baiano dela faziam parte, cabendo-lhe o mérito da edição de 73 números da Série Centro de Estudos Baianos. De referência à segunda Entidade, foi intitulada após o desaparecimento da primeira, através da Resolução 05 do Conselho Universitário, sob a forma de Órgão Suplementar da UFBA, tendo sido seu Regimento Interno aprovado, por unanimidade, pelo Conselho Deliberativo da Entidade, em sessão ordinária realizada a 24 de janeiro de 1975 e, posteriormente, referendada pelo Conselho Universitário em 10 de março do mesmo ano.

Discurso pronunciado no Centro de Estudos Baianos no dia 12 de outubro de 1982

Universitas.Cultura. Salvador, (33): 41-58, jul./set. 1985

Reportando-se ao antigo Centro de Estudos Baianos, a au
 tora homenageia três dos seus antigos membros: Affonso Ruy
 de Souza, Anfrisia Santiago e Osvaldo Valente.

Quanto ao segundo Centro de Estudos Baianos, destaca a
 importância de a Instituição encontrar-se diretamente vincu-
 lada à Reitoria, bem assim ao fato de ser núcleo fundamen-
 tal da Biblioteca Frederico Edelweiss.

"Muitas são as maravilhas e nenhuma
 é maior do que o homem".

(Sófocles, Antígona 332,33)

Volvidos 41 anos de fundado o Centro de Estudos
 Baianos eis que nos reunimos, sob a égide da Univer-
 sidade Federal da Bahia, para dar cumprimento a um
 dever de justiça. Aqui estamos, pois, neste entarde-
 cer de 12 de outubro de 1982, a fim de prestarmos
 nossa singela homenagem de apreço, reconhecimento e
 saudade às memórias inesquecíveis de Affonso Ruy de
 Souza, Anfrisia Santiago e Osvaldo Valente — membros
 fundadores do antigo Centro de Estudos Baianos, cria-
 do nesta cidade do Salvador a 31 de julho de 1941.

Daquele, então, recém-instituído núcleo foram
 eficazes e entusiastas edificadores vinte oito per-
 sonalidades do nosso mundo cultural: Anfrisia Santia-
 go, Affonso Ruy de Souza, Afrânio Coutinho, Antonio Balbino
 Antonio Osmar Gomes, Diógenes Rebouças, Frederico Edelweiss,
 Heitor Prager Froes, Hélio de Queirós Duarte, Herman
 Neeser, João Augusto Calmon du Pin e Almeida, Jorge
 Calmon Moniz de Bittencourt, José Antonio do Prado
 Valadares, José Calasans Brandão da Silva, Luciano
 de Sá Bittencourt, Luis Viana Filho, Miguel Calmon
 Sobrinho, Miguel Dias Lima Santos, Nestor Duarte, Ol-
 degar Franco Vieira, Oscar Caetano da Silva, Osva-
 ldo Valente, Presciliano Silva, Raimundo Paturi, Rô-
 mulo Almeida, Walter Veloso Gordilho e Waldemar Ma-
 galhães Mattos.

Posteriormente, em 1974, no Reitorado Lafaye-
 te Pondé através da Resolução 05 do Conselho Uni-
 versitário, foi instituído o Centro de Estudos
 Baianos (CEB) sob a condição de Órgão Suplementar
 da Universidade Federal da Bahia, passando a reger-
 se pelo disposto no Estatuto e no Regimento Geral
 Universitas.Cultura. Salvador, (33): 41-58, jul./set. 1985

da Universidade e pelo seu Regimento Interno.

De 1941 até 1972, data da publicação do nº 73 da série "Centro de Estudos Baianos", decorreram 31 anos de lutas em prol da sobrevivência do Centro de Estudos Baianos. Mas, em momento algum se imaginou deixá-lo fenecer. Na verdade, "As grandes dificuldades não se evitam iludindo-as com tempo: o abandono agrava as situações que aquelas dominam afinal". (Visconde de São Lourenço).

O Centro de Estudos Baianos, então ressurgido na Universidade Federal promoveu, de imediato, a elaboração do seu Regimento Interno, que foi aprovado por unanimidade pelo no seu Conselho Deliberativo, em sessão ordinária realizada a 24 de janeiro de 1975 e, posteriormente, referendado pelo Conselho Universitário na reunião de 10 de março do mesmo ano.

Por outro lado, consideramos pertinente destacar, nesta oportunidade, a importância de que se revestem os Artigos 2º e 3º referentes ao Título I Da Instituição, os quais, respectivamente, assim se definem: Artigo 2º O Centro de Estudos Baianos estará diretamente vinculado à Reitoria, na forma do Parágrafo Único do Artigo 45 do Estatuto da Universidade e do Decreto nº 62.241, de 08 de fevereiro de 1968. Artigo 3º A "Biblioteca Frederico Edelweiss" é o acervo fundamental do Centro de Estudos Baianos e como tal a ele se incorpora, íntegra e inalienável, sendo parte do seu patrimônio.

A referência a tais subsídios de caráter institucional não tem outro objetivo senão o de evidenciar que, ao fundar o novo Órgão a ele integrou-se o espírito da entidade anterior assegurando-lhe a sobrevivência como Entidade Oficial, além de acrescentar-lhe a importância como núcleo cultural de extrema significação em nosso meio.

Antes disso, o antigo Centro apenas se manteve pela dedicação dos seus associados, dentre os quais, por um irrecusável dever de justiça, cumpre exaltar - Affonso Ruy de Souza, José Calasans e Osvaldo Valente.

Quanto ao primeiro homenageado de hoje, ao lado de Anfrisia Santiago e Osvaldo Valente, faremos, Universitas.Cultura. Salvador, (33): 41-58, jul./set. 1985

dentro em pouco, as referências de que são todos três merecedores.

Já o nosso vice-Reitor, idealizador desta festa de ternura, amizade e reconhecimento, tem sido o mais afeiçoado amigo deste Órgão, ao qual, em todas as oportunidades, tem demonstrado sua fiel e constante dedicação. A ele, igualmente, que tanto nos tem amparado e concedido o apoio de que tanto necessitamos, deve ser creditada a sugestão desta homenagem aos sócios desaparecidos da agremiação antecedente.

Proferidas estas palavras à guisa de introdução, seja-nos concedida a honra de tecer alguns comentários sobre Affonso Ruy de Souza, Anfrísia Santiago e Osvaldo Valente.

Affonso Ruy de Souza - Vida!.. punhado de arêia
Morte!.. rajada de vento
(Guerra Junqueira)

Affonso Ruy de Souza nasceu, nesta capital, a 28 de agosto de 1893, sendo filho de casal Vítor Esmeraldo de Souza e Líbia Enedina Bastos de Souza. Seu pai atuava no comércio, desempenhando a função de conferente da Alfândega, enquanto D. Líbia, à semelhança das senhoras da época, cuidava exclusivamente dos afazeres domésticos. Realizou seu curso de Humanidades no Ginásio São Salvador, matriculando-se, posteriormente, na Faculdade de Direito, onde veio a diplomar-se em 1915, portanto aos 22 anos de idade. Ainda estudante, trabalhou no Jornal "O Correio" mantendo uma secção denominada "Sombras". Ali, no entanto, manter-se-ia somente até a fundação de "A Época", em cuja redação permaneceu até 1916, acumulando as funções de Secretário e redator da secção literária "Sombras". Visando a promover seu amigo, o poeta Costa e Silva, coligiu e editou versos esparsos deste poeta publicando-os, ao lado da biografia do homenageado, em 1916, sob o título - "Homenagem Póstuma".

Aliás, Affonso Ruy desde cedo revelara indiscutível pendor literário. Assim foi que, em 1914, na condição de acadêmico, fundou, com outros colegas,

"A Idéa". Atuou, igualmente, como 1º secretário e diretor dos cursos noturnos do Grêmio Literário, de 1913 a 1916.

Apreciando imensamente a arte teatral, criou, em 1914, em companhia de outros acadêmicos, o grupo dramático "Xisto Baía", tendo inclusive para ele escrito a revista de costumes regionais denominada "Por dentro e por fora".

A bem dizer, na mocidade, interessava-lhe, sobremaneira, a arte cênica, datando daquela ocasião seu primeiro drama "Flor do Vício".

Advogado do Fôro da Bahia, funcionário público da "Imprensa Oficial do Estado", e redator das revistas: "A Renascença" e "Artes e Artistas", ganhou, em 1918, a medalha de ouro ao submeter-se ao Concurso para comédias originais em um ato, aberto no Teatro S. João, da Bahia, pelo seu locatário, o coronel Rubem Pinheiro Guimarães. Por esse seu devotado amor às artes cênicas, mereceu o título de Sócio benemérito da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e benfeitor da Casa dos Artistas. Escreveu várias peças teatrais; a exemplo: "Flor do Vício", "Belfore", "raio de Luz", "A herança", "Sem pé nem cabeça", "Bric a Bric", o livreto da opereta "Lolita", musicado pelo Maestro Gervário Laborda. Ator, além de autor, tomou parte em vários espetáculos de caráter beneficente, ao lado de jovens acadêmicos de sua época.

Entretanto, com o defluir dos tempos, Affonso Ruy deixaria de ser dramaturgo, advogado, funcionário público, para entregar-se, por inteiro, aos trabalhos historiográficos. Seus mais importantes estudos são: "História Política e Administrativa na Cidade do Salvador" (1949) — um alentado livro contendo 654 páginas; "História da Câmara Municipal da Cidade do Salvador" (1953), com o qual recebeu o prêmio "Cidade do Salvador". Escreveu ainda "Correspondência Interna de Ruy", "O Dossier do Marechal Labatut", "O Teatro na Bahia", valioso capítulo que integra a "História das Artes na Cidade do Salvador", (1967) "A Primeira revolução social Brasileira", além de outros estudos publicados em revistas e jornais.

Affonso Ruy de Souza pertencia à Academia de Letras da Bahia, onde ocupava a cadeira nº 12, cujo patrono é o Marquês de Abrantes. Foi recebido, na quele sodalício, pelo acadêmico Aloysio de Carvalho Filho.

Além de sócio fundador do Instituto Genealógico da Bahia, era sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e fundador do Centro de Estudos Baianos. Por algum tempo ocupou o cargo de Diretor do Arquivo Histórico da Prefeitura do Salvador, em cuja função a morte o surpreendeu aos 73 anos, no dia 27 de julho de 1970.

Mais do que nós, diriam da desvelada dedicação de Affonso Ruy ao Centro de Estudos Baianos seus com panheiros de ideal, sobretudo José Calasans, que o acompanhou de perto no seu devotamento àquele ante cedente Centro por ambos tão estremecido.

Nada mais justo, pois, do que reverenciar a me mória daquele grande baiano, do conceituado e profi cuido historiador, daquela ilustre personalidade que, tendo-se unido pelo matrimônio à ilustre Professora D. Elisa Saldanha de Souza, com ela constituiu um par harmônico e feliz cujos serviços prestados à cultura de nossa terra ainda não foram suficiente mente avaliados e, com justiça, recompensados.

Não poderíamos encerrar essas ligeiras conside rações, sem mencionar que ao exercício docente também se dedicou Affonso Ruy de Souza, na condição de pro fessor de História da América da UCSAL, bem assim à sua intensa atividade de conceituado conferencista, revelado nas inúmeras oportunidades em que se viu incumbido de discorrer sobre assuntos da sua especia lidade.

ANFRÍSIA AUGUSTA SANTIAGO

"Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém"

Disse-o, com muita propriedade, o Pe. Carlos A Schimitt em seu livro. "Ele enxugará suas lágrimas".

Efetivamente, Anfrísia Santiago não morreu, por que sua memória se mantém eterna entre aqueles que lhe têm perpetuado a lembrança ou continuando a gran

de obra educacional.

É, pois, com emoção - olhos rasos de lágrimas, coração oprimido pela saudade que se não esgota - que evoco aquela personalidade invulgar, relembrado-a hoje como, aliás, tenho procedido em todos os instantes definitivos a minha vida.

E porque foi uma personalidade invulgar, um caráter sem jaça e uma autêntica servidora de Deus, tem esta sua modesta discípula sempre procurado imitar-lhe o exemplo de trabalho, dedicação e cumprimento do dever, pois, como ninguém, soube ela imprimir tais princípios nas personalidades de sua educandas.

Anfrísia Augusta Santiago nasceu a 21 de setembro de 1894, na rua dos Marchantes 65, distrito de Santo Antônio.

Em páginas escritas por sua afeiçãoada e dédicada irmã, D. Rita Carmelita Santiago, tomamos conhecimento de que se sentirá atraída para a vida religiosa, desejando ingressar, bem jovem ainda, na Ordem das Ursulinas. Como educadora nata que o era almejava servir a Deus dedicando-se ao magistério, à educação da juventude feminina de nossa terra.

Circunstâncias adversas subtraíram-lhe, e a todos seus afeiçãoados irmãos, da presença paterna. Assim, tendo falecido o Sr. Marciano Santiago, restava-lhes a presença amena e paciente de D. Amélia Rosa de Araújo Santiago, carente de amparo e proteção. À jovem Anfrísia caberia, a partir de então, a dificil tarefa de sustentar e proteger sua veneranda mãe e seus irmãos - Raimundo, Arlinda, Lili e Rita.

Imbuída do "capital coragem", o maior que possuía, conforme afirmava sua extremosa genitora, Anfrísia Santiago desistiu de realizar o seu ambicionado projeto de vida. Na realidade, não poderia isolar-se num convento quando os seus, aos quais lhe cumpriria dirigir os passos, estavam a reclamar a sua efetiva presença e cuidadosa vigilância.

Intelectual e educadora, não entendemos como Marieta Alves, a quem conhecemos como Mestra de História no Colégio N. S. Auxiliadora lhe houvesse omitido o nome entre os que integram o seu livro "Intelectuais e Escritores Baianos", no qual deveria ter

sido incluída com merecido relevo.

Injustificável, mas menos grave porque se trata de um livro elaborado no Rio de Janeiro, em 1937 é não constar também o seu aureolado nome de grande educadora entre os que integram o Dicionário - Bio - Bibliográfico Brasileiro de J. F. Velho Sobrinho. (Volume I).

Feitas essas observações à guisa de indispensável reparo, voltemos às notícias sobre Anfrísia Santiago, que nos foram fornecidas pela sua dedicada irmã Rita. Concluído o curso primário, cumprido de modo brilhante e revelador do seu grande talento, ingressou na Escola Normal da Bahia, onde se diplomou contando apenas 16 anos de idade, no dia 30 de dezembro de 1906. Seu primeiro desempenho profissional ocorreria em caráter particular, atuando como adjunta da Escola Primária do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, onde trabalhou de fevereiro a abril de 1911.

No mesmo ano, receberia sua primeira nomeação oficial como professora interina do arraial de Santo Estevão, na vila de São Francisco do Conde. Efetivada no magistério em 27 de maio de 1912, permaneceu naquela localidade até 1914.

Posteriormente, foi designada Professora da Escola Municipal do distrito da Vitória (1914-1915) sendo nomeada Adjunta desse Estabelecimento a 7 de outubro de 1914. Situava-se, o referido estabelecimento, na rua do Rosário de João Pereira, hoje Avenida Sete de Setembro, embora conserve o seu tradicional nome naquele trecho - Rosário.

Ocorre, porém, que ano de 1916 foi extinto, pelo Órgão Superior da Educação no Estado, o cargo de Adjunto.

Em contrapartida, o Conselho Municipal do Salvador criou, então, 60 cadeiras populares no subúrbio.

Naquela ocasião, graças às providências adotadas pelo Presidente Consultivo. Dr. Alfredo de Campos França, foi Anfrísia Santiago indicada para reger a Escola Popular da Cruz do Pascoal, em Santo Antonio além do Carmo, depois, primeira Escola Municipal do tradicional distrito, onde lecionou de 1916

a 1925.

Em 1927 obteve sua grande vitória, realizando um dos grandes desideratos de sua vida, a fundação do Colégio N. S. Auxiliadora, a cuja frente esteve, desde aquela data, até o seu desaparecimento ocorrido a 27 de abril de 1970. Combativa e destemida, D. Anfrísia lutava, com firme determinação e vivo entusiasmo, preparando o caminho da sua vitória. A ela parecem ajustar-se extraordinariamente as sábias palavras de Winston Churchill, segundo as quais o maior segredo do êxito consta apenas de cinco palavras - Nunca, nunca, nunca, nunca desista. E ela, efetivamente, jamais desistiu dos seus objetivos.

A realização de um ideal que lhe daria condições de sobrevivência não seria, contudo, o único alvo a atingir em sua vida. Cumpria-lhe, igualmente dedicar-se aos pobres e desvalidos. Prestar-lhes assistência, dar-lhes um pouco de conforto material e espiritual.

Para tanto fundou, em 1953, a Cruzada Social Auxílio Fraternal, no Bairro de Brotas, incumbida de prestar assistência médica, alimentar e religiosa a parte da população carente que vive naquele populoso bairro. Hoje, nesta área, entregue à Arquidiocese de S. Salvador, eleva-se a Capela de N. S. de Fátima.

Por outro lado, além da atividade educativa e assistencial que tão dedicada e generosamente dispensou aos seus alunos e aos seus protegidos, Anfrísia Santiago foi e soube ser uma autêntica intelectual.

Dotada de rápido raciocínio, erudição e precisa argumentação, teve brilhante atuação em Congressos de natureza educacional. Assim, em 1915, participou do Congresso Pedagógico que realizou nesta capital. Em 1933, tomou parte no 3º Congresso de Educação, realizado em S. Paulo, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Educação. (A.B.E.).

Em 1934, também se faz presente, representando a Bahia com grande brilho, no 4º Congresso de Educação ocorrido em Fortaleza (Ceará).

Todavia, Anfrísia Santiago gostava mesmo é de estar na Bahia, no seu Colégio, entre os seus colaboradores, em meio a seus alunos.

Avesa à promoção, era discreta nas atitudes e

no trajar-se, apresentando-se, embora, sempre elegantemente vestida. Relembramo-la nos seus impecáveis "tailleurs" de talhe perfeito e cores sóbrias, e no seu apurado bom gosto na escolha de finas "en charpes" de seda pura que lhe ornavam o colo sempre oculto. Recordamo-la nos seus acessórios de requintada e fina elegância. Rosto lavado, total ausência de pintura facial, cabelos presos em coque, mãos longas - unhas bem tratadas e polidas, revestidas de esmalte incolor.

Enfim, uma Senhora, como poucas na Bahia, que sabia adequar ao tipo, à sua idade, e ao seu "status" de educadora, a vestimenta condizente com a sua personalidade.

Repassemos, agora, alguns momentos de sua trajetória profissional. Relembremos a grande alegria que foi concedida por Deus a sua tão devotada filha. Ao completar sua bodas de prata de magistério, teve a ilustre educadora a enorme satisfação de diplomar a primeira turma de Professores do Colégio N. S. Auxiliadora, para quem D. Anfrísia escreveu inspirado e carinhoso discurso.

De 1940 a 1948, temo-la como membro da diretoria do Centro de Estudos Baianos. E em 1947, assume o Departamento de Educação do Estado da Bahia, em cuja função permaneceu de maio a setembro, a convite do Dr. Octavio Mangabeira, através do insigne educador baiano, Dr. Anísio Spinola Teixeira, de quem era grande e afeiçoada amiga.

Entre outros títulos que ornaram o seu espírito operoso e dedicado, valem assinalados: membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Genealógico da Bahia; fundadora e ex-Presidente da Federação das Bandeirantes - seção da Bahia, em cuja agremiação, pelos elevados trabalhos realizados, recebeu a "Estrela do Mérito" das Bandeirantes do Brasil.

Ainda lhe foi outorgada a "Medalha Anchieta" pela Prefeitura do Distrito Federal.

Em 1960 é escolhida Mestra do Ano pela Inspeção de Ensino Secundário de Salvador, na gestão do Padre Manoel Barbosa, sendo orador da solenidade o Dr. Antônio Ernani de Assis Menezes.

Outra condecoração haveria ainda de ornar-lhe o peito nobre e honrado - a de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo, que lhe foi atribuída a 27 de setembro de 1968 pelo então Presidente da República General Arthur da Costa e Silva, de acordo com o decreto - lei nº 61.285, de 1º de setembro de 1967.

A 3 de dezembro de 1960 a grande Mestra Anfrísia completou o seu jubileu de ouro, cercada pelo carinho daqueles que lhe admiravam as incontestáveis qualidades de inteligência e de espírito.

Em nosso entender, todavia, pelo muito que acompanhamos de sua trajetória, a Bahia não foi pródiga com Anfrísia Santiago e sua memória continua a reclamar as homenagens que lhe não foram suficientemente tributadas pelos poderes públicos de nossa terra.

Não se queira arguir que o fato de ter seu nome incluído em 3 edições de "Who's in Latin America", da Universidade de Stanford, Califórnia, nem a circunstância de haver pronunciado inúmeras conferências sobre vultos e fatos da História da Bahia, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, no Centro de Estudos Baianos e no Instituto Genealógico da Bahia, além das pesquisas históricas que realizou em nossos arquivos, dão a exata dimensão do seu valor e da sua obra de educadora no mais amplo sentido, nem lhe fazem inteira justiça a seus inegáveis méritos.

Anfrísia Santiago era uma perfeita Mestra na melhor acepção da palavra. Seus conhecimentos profundos e variados entusiasmava a muitas de suas discípulas que jamais lhe esqueceram os profundos ensinamentos.

Conhecedora -perspicaz da vida de Castro Alves, empolgava-se no relato minucioso, preciso e fascinante da vida do grande vate romântico baiano a quem, aliás, estava ligada por laços de parentesco.

Mas, no que ninguém lhe excedia, pela seriedade de das considerações e profundezas de conhecimento, era naquela extraordinária capacidade de, educando, ministrar lições de civismo. De incutir no alunado as noções mais profundas e o sentido mais puro da palavra liberdade, sobretudo diante de situações que

julgava atingir o homem no que ele tem de mais íntimo - a sua individualidade.

O falecimento de Anfrísia Santiago, após longo sofrimento, proporcionou aos seus amigos e admiradores a satisfação de, embora tardiamente, vê-la agraciada com a Medalha do Mérito Educacional da Bahia, na Classe Medalha de Prata, em atenção aos relevantes serviços prestados à educação baiana - então conferida pelo Governador do Estado Prof. Luis Viana Filho, através do decreto s/n de 09.03.71, publicado no Diário Oficial de 10 de março de 1971.

Na singeleza dessas expressões que não têm força suficiente para exprimir a nossa grande satisfação em inaugurar-lhe o retrato no Centro de Estudos dos Baianos, desejamos revelar a todos os presentes a grande admiração que tributamos à maior educadora baiana de todos os tempos, nossa Mestre incomparável - Anfrísia Santiago.

Oswaldo Valente

"A morte é a única coisa maior do que o nome que a anuncia". (Jean Rostand)

Oswaldo Valente nasceu em Salvador, no dia 8 de agosto de 1911, tendo falecido aos 39 anos, no Rio de Janeiro, a 22 de dezembro de 1950. Eram seus pais o Bacharel em Direito, Dr. Adolfo Devoto Valente e D. Angélica dos Santos Pereira Valente, sendo seus irmãos Gilberto, Jorge Edgard, Odete, Célia e Adolfo Valente, todos dignos representantes das conceituadas linhagens - Santos Pereira e Valente.

Oswaldo Valente iniciou-se muito cedo no trabalho. Primeiramente, atuando em uma firma do nosso comércio, nos dias da sua juventude. Mais tarde, transferindo-se para uma Companhia de Seguros, até que lhe foi formulada uma proposta para organizar o Touring Clube da Bahia, do qual foi, inclusive, diretor.

Apesar de não se ter dedicado aos estudos superiores, revelou-se desde cedo muito aplicado aos estudos. Autodidata, voltava preferentemente seus interesses intelectuais para o campo da história e das tradições do nosso povo. Essa tendência mui

to o inclinaria a empenhar-se pelo renascimento dos nossos festejos populares, bem entendendo a necessidade de preservá-los em favor da manutenção dos nos sos mais puros valores culturais.

Acerca da personalidade inconfundível de Osvaldo Valente, permitimo-nos transcrever trechos de depoimentos de alguns dos que privaram da sua amizade.

Assim, comentando o seu inesperado e precoce falecimento, declarou o Mestre Thales de Azevedo: "O falecimento de Osvaldo Valente abre um claro na vida da baiana. Valente foi um dos melhores valores morais da Bahia - um íntegro, discreto e elegante em suas maneiras e atitudes. Estudioso entusiasta da história e do folclore baiano, publicou alguns artigos sobre esses temas, deixando infelizmente por acabar dois conscienciosos estudos sobre as marcas de contraste da prataria colonial e sobre a iconografia da Cidade do Salvador, assuntos a que se vinha dedicando há vários anos".

Assinale-se ainda que, durante a gestão do Prefeito Elísio Lisboa, Osvaldo Valente deu mostras de sua eficiência e de seus elevados méritos pessoais. Atuando à frente do Arquivo Municipal, reuniu, com paciência e zelo, numerosos e valiosos códices que estavam até então esquecidos e nos sótãos das nossas repartições públicas.

Fez mais ainda. Determinou o tombamento e a restauração de importantes coleções do próprio Arquivo Municipal, visando a sua conseqüente catalogação e fichamento, de acordo com os princípios técnicos da época.

Mas, não somente cuidava ele de proteger a documentação histórica, que tanto valorizava. Ao revés disso, ainda enriquecia o Arquivo com a aquisição de objetos de prata, joalheria, serralheria e fotografia.

Além disso, fez daquele arquivo um centro atuante de pesquisa, reunindo, em torno de si, um grupo dedicado de leitores e copistas de manuscritos

Era um apaixonado pela sua repartição, não poupando esforços no sentido de equipá-la convenientemente. Assim, procurou dotá-la aparelhagem indispen

sável à leitura de microfímes e preparação de cópias reprodutoras. O Arquivo Municipal foi, por isso mesmo, a seu tempo, uma Casa de pesquisa, jamais um depósito de papéis. Todo esse trabalho, no entanto, ele o executava dentro da maior descrição, com pleto desprendimento e total ausência de vaidade.

Valem aqui transcritos, para melhor informação sobre a personalidade de Osvaldo Valente, trechos do extraordinário depoimento de Jorge Calmon, seu companheiro e amigo, ao ensejo da inauguração do seu retrato, na galeria dos diretores do Arquivo Municipal, promovida pelo Centro de Estudos Baianos, em sentido discurso pronunciado então e publicado na edição de 29 de dezembro de 1953 de "A Tarde", sob a epígrafe: "Vida que foi um rico e dramático enredo de criação e sofrimento".

O Centro de Estudos Baianos não esqueceu Osvaldo Valente. Demonstra-o com esta homenagem. Não o esqueceu, como dele não se esqueceram os seus amigos; todos ou quase todos aqui estão, chamados a esta cerimônia pelos deveres do afeto e da saudade.

Recordando-o, honra-lhe o Centro de Estudos Baianos a memória, entre razões outras, por ter sido ele o principal dos seus fundadores, o autor da iniciativa de sua criação, o idealizador do programa, o grande animador dos primeiros trabalhos".

Tais palavras têm hoje e agora a mesma força e a mesma significação. Embora não o tivéssemos conhecido pessoalmente, somos beneficiários de sua benévola ação aquela que fez nascer e frutificar o CEB, instituição que era tão sua e hoje tanto estremecemos.

Evoquemo-lo, mais uma vez, através das palavras de Jorge Calmon: "Já que são os fatos e não o tempo, que fazem a História, a vida de Osvaldo Valente, a sua vida verdadeira, aquele rico e dramático enredo de criação e sofrimento não se situa entre as datas que lhe balisam o princípio e o fim.

Na verdade, ele não viveu todo período que se estendeu de 8 de abril de 1911, dia do nascimento, a 22 de dezembro de 1950, dia da morte; três anos justos completam-se hoje.

Eliminados os anos de adolescência e mocidade, gastos em trabalho que escassa ou nenhuma relação

guardaram com a obra que o recomenda, tem-se que a sua oportunidade durou pouco mais de um decênio".

Continuando o seu testemunho, assinala ainda Jorge Calmon: "Foi uma breve concessão do destino que lhe regateava as horas. Mas, essa concessão ele a aproveitou na plenitude do seu convite, explorando-lhe todas as possibilidades, vivendo sofregamente cada minuto.

Na intensidade com que chicoteava as energias, dir-se-ia que morava a preocupação de recobrar o tempo perdido, e talvez também o pressentimento de que cedo se teria de ver obrigado a suspender a marcha, ferido em definitivo pela adversidade, sua velha inimiga.

Sem se permitir repouso, indiferente aos sinais, cada vez mais ameaçadores, de declínio saúde; desatento, no seu discreto fatalismo, às ponderações da família e dos amigos, sentia-se que unicamente lhe importava o trabalho; que apenas fazia caso das idéias a que buscava dar forma, inteiramente entregue às solicitações de uma insaciável curiosidade por tudo que se referisse aos assuntos de sua paixão.

Por isso mesmo, porque o trabalho já se lhe tornara um hábito, ou uma espécie de angústia, jamais os amigos o puderam surpreender ocioso sem uma ocupação em que estivesse absorvido".

Quanto à sua extraordinária capacidade associativa, declara o supracitado orador: "Tinha Osvaldo Valente, aliás, o dom de congregar. Já no Touring Clube - onde o Prefeito Elísio Lisboa o fora buscar para a Diretoria do Arquivo - soubera reunir um amplo círculo de pessoas com quem se identificara nas afinidades e interesses culturais comuns".

No que se refere à sua eficiência como realizador e ao comentar a sua passagem no Touring Club registra que ali chegara Osvaldo Valente "a dar à nascente indústria turística entre nós, uma organiza-ção ao nível de suas urgências principais. Atribuiu-lhe, ainda, "a publicação de roteiros turísticos da cidade, a formação de corpos de interpretes e guias, a instalação de postos de recepção, a coordenação de atividades com a administração pública constituiram as bases da nossa preparação para receber turis

mo e foram todas elas, providencias a que estiveram presentes o espírito de organização e operosidade de Osvaldo Valente".

Essa tendência gregária, era uma característica muito marcante da sua personalidade. Assinala-a Jorge Calmon na seguinte declaração: "É que estimava o convívio dos estudiosos, a proximidade de seus interesses intelectuais semelhantes aos seus, a permuta de observações, a vivacidade dos debates esclarecedores. Convertia, por isso, a sua sala de trabalho no Touring Clube em ponto de reunião de todos os amigos que com isso ia grangeando".

Certamente, imaginamos, tais encontros aprazíveis e enriquecedores em muito contribuíram para que Osvaldo Valente concebesse a criação de um núcleo cultural do gênero do Centro de Estudos Baianos.

Comentando a iniciativa assim se pronuncia Thales de Azevedo: "Fundando o Centro de Estudos Baianos, aglutinou, em um núcleo de debates, muitos dos que, na época, dedicavam-se ao estudo das coisas baianas".

"Este Centro, no dizer do mesmo informante. incumbiu-se do planejamento inicial das comemorações do IV Centenário da Cidade do Salvador, sobretudo da organização da série "Evolução História da Cidade do Salvador", para a qual obteve a colaboração de expressivas figuras da nossa cultura, desgraçadamente não concretizada pela morte de Afrânio Peixoto, Carlos Chiacchio e Artur Ramos, substituídos, finalmente, por Pedro Calmon e Affonso Ruy".

Também sobre a criação do Centro de Estudos Baianos, idealizado por Osvaldo Valente, assim se pronunciou Jorge Calmon: "Concebido com o sentido de utilizar melhor os encontros daquela natureza, imaginaram-no os seus idealizadores como uma oficina de investigação, debate e divulgação de temas relacionados com os vários aspectos da vida baiana no passado e na atualidade. No seu programa se incluíram tanto as questões de feição puramente cultural como os problemas que dissessem respeito à expansão das atividades em nosso meio. E assim, continua, tem sido ele efetivamente. Muito embora a sua ação, até aqui se haja dirigido, de modo mais acentuado, para

o domínio dos estudos, as iniciativas e os trabalhos que dali têm saído são de molde a situá-lo entre as instituições mais benéficas.

Todavia, o tempo dispendido por Osvaldo Valente na realização de projetos culturais não lhe permitiu produzir o que estava à altura dos seus méritos intelectuais.

Publicou, é certo, alguns ensaios e artigos em revistas e jornais, mas não lhe foi dado completar sua obra inacabada "Marcas e Contrastes da Ourivesaria Bahiana", primitivamente intitulado "Ourives da Bahia", cujas anotações e fichas foram entregues, por sua família, a D. Clemente da Silva Nigra, àquela época Diretor do Museu da Arte Sacra da Bahia, como auxílio às pesquisas a serem levadas a efeito naquela Instituição.

Outro trabalho inconcluso intitula-se "A Bahia na Iconografia do Brasil". Séculos 16, 17, 18, 19; encontra-se em poder de suas irmãs.

Seus derradeiros dias de vida foram sentidamente descritos por seu amigo e companheiro Jorge Calmon, nos seguintes termos: "Destino implacável, não foi permitido a Osvaldo Valente conhecer as alegrias da tarefa concluída. Os maus fados abreviaram-lhe na vida truncada de súbito, a coluna de sua rápida e justa ascensão. Nos padecimentos físicos e morais que eles lhe impuseram só lhe foi concedido, além dos carinhos e cuidados da família desvelada, um lenitivo representado pela doçura, pela admirável constância do anjo de bondade que esteve a lhe acompanhar os derradeiros passôs, e por fim o viu descansar de vez.

Recordo-o tal qual o encontrei em setembro de 1950, no Rio de Janeiro, quando da última ocasião em que estivemos juntos.

A diferença de aspecto, conquanto sensível, impressionava menos do que a modificação íntima que nele se operara, fora-se aquela contagiante vivacidade, aquela exuberância de vida que tão peculiar lhe era para ceder lugar a uma melancolia indefinível que se diria produto das decepções, da perplexidade ante a situação nova, do desterro sem esperança de regresso, e talvez também, da disposição à re

núncia definitiva.

Oswaldo Valente foi sepultado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, mas tudo o que representou em vida, tudo o que de melhor gerou e realizou, permanece na Bahia.

Essa é a razão pela qual o novo Centro de Estudos Baianos, herdeiro do que ele concebeu e amou de modo tão extremado, dele não poderia esquecer-se no momento em que, embora singelamente, cultua a memória de outros dois dos seus mais eficientes sôcios fundadores os pranteados mestres Affonso Ruy de Souza e Anfrísia Santiago.

SUMMARY

The objective of the discourse is to underline the important moments in the history of the old and the new Centro de Estudos Baianos, recognizing that the first was founded on July 31, 1941 and the second in 1974 under the presidency of Lafayette Pondé.

In the case of the former, it is believed that twenty-eight important figures representing the Bahian culture founded the first center which contained 73 editions of the Centro de Estudos Baianos series. After the disappearance of the first center, the second center was established through Resolution 5 of the Conselho Universitário which established it as a supplimentry body, of UFBA. Its governing rules were unanimously approved by the Conselho Deliberativo of the Centro de Estudos Baianos in an ordinary session held on January 24, 1975 and later referred to the Conselho Universitário on March 10 of the same year.

Returning to the discussion of the old Centro de Estudos Baianos, the author honors three of the six former members: Affonso Ruy de Souza, Anfrísia Santiago, and Oswaldo Valente.

Regarding the second Centro de Estudos Baianos, the author emphasizes the importance of the institution in its association with the Reitoria and points out the fact that the most fundamental part of the Center is the Frederico Edelweiss Library.